

SÉRIE  
HISTÓRIA

A rotina dolorosa dos candangos que trabalhavam mais de 15 horas por dia, a violência da polícia e a ventania devastadora do cerrado nos versos de Sebastião Varela

O CANDANGO  
NA FUNDAÇÃO  
DE BRASÍLIA

(Sebastião Varela)

*Este sertão de Goiás  
já foi muito esquecido  
tudo aqui era tristeza  
só se avistava campestre  
um passageiro ou outro  
passava neste esquisito  
só se ouvia uma ave  
do hambu o saudoso apito*

*Quase ninguém acredita  
esta cidade não vai  
começou o fufatório  
naquele vai mas não vai  
mas o negócio era sério  
começou o pau quebrar  
pois o decreto era mesmo  
do governo federal*

*Foi um gasto estuporado  
aqui era noite e dia  
no calor como no frio  
chovendo ou fazendo sol  
todo mundo produzia*

*O Presidente da República  
abriu uma concorrência  
para esta construção  
vieram muitos engenheiros  
de várias opiniões  
entre eles Lucio Costa  
o maior dos urbanistas  
desenhou um avião*

*Foi um desenho muito simples  
porém de admiração  
na planta desta cidade  
um corpo de avião  
frente, cauda e duas asas  
no desenho as divisões  
uma cidade moderna  
nova civilização*

*Começou a chegar gente  
vindo de todas as partes  
três quartos eram do Nordeste  
que vinham para trabalhar  
os carros vinham cheios  
que não cabiam mais nada  
e esta espécie de passageiros  
chamavam de pau de arara*

*Enquanto isso, leitor  
tudo era em demasia  
eram milhares de homens  
construindo a Cidade Livre  
hoje o Núcleo Bandeirante  
e cidade primitiva  
não tem quem diga mas é  
legítima mãe de Brasília*

*De repente levantou-se  
uma cidade completa  
embora tudo de tábua  
mas uma planta correta  
um projeto prevenindo  
mais tarde tudo concreto  
foi o maior rebuliço  
no meio deste deserto*

*O Presidente achou por bem  
liberar por este lado  
um começo sem imposto  
uma matança de gado  
sendo pra ganhar dinheiro  
o homem foi-se obrigado  
negocia nas montanhas  
quanto mais em  
um cerrado*

*Foi de onde começou  
o comércio de Brasília  
não se pagava imposto  
de qualquer mercadoria  
viesse de onde fosse  
não precisava de guia  
foi um negócio à vontade  
na construção de Brasília*

*Se não fosse desta forma  
ninguém se sujeitava  
este céu que se vê hoje  
era barro que voava  
uma poeira tão fina  
que o ar já fumava  
tudo aqui era vermelho  
só de pó que levantava*

*Tudo era violento  
sem parar sequer um dia  
a frota do basculante  
com o cascalho da pista  
tudo eixo encascalhado  
os grandes carros de piche  
esguichando toda estrada  
as máquinas fazendo o piso*

*Nem todo leitor conhece  
o projeto de Brasília*

SANGUE,  
SUOR E TROVAS

José Goes/Arquivo Público do Distrito Federal



O povo nas ruas no dia da inauguração de Brasília

A história da construção de Brasília tem sido contada ora por pioneiros ilustrados ora por teses acadêmicas. Mas há uma terceira via para se conhecer as origens desta cidade às vésperas de seus 40 anos: é a via ingênua de um candango que carregou tijolo para as obras da capital que brotava no cerrado. Os 541 versos do trovador Sebastião Varela, o Tião da UnB, foram editados em 1981 no livro *O Candango da Fundação de Brasília* (leia trechos nesta página), prefaciado pelo poeta Cassiano Nunes. Nele se sobressai o relato do quão dura foi a vida dos que pegaram no pesado para construir a capital: “Candangos só aguentavam/por causa do ordenado/trabalhavam como nunca/porém ganhavam dobrado/comia o pão que o diabo amassou/no meio deste serrado”.

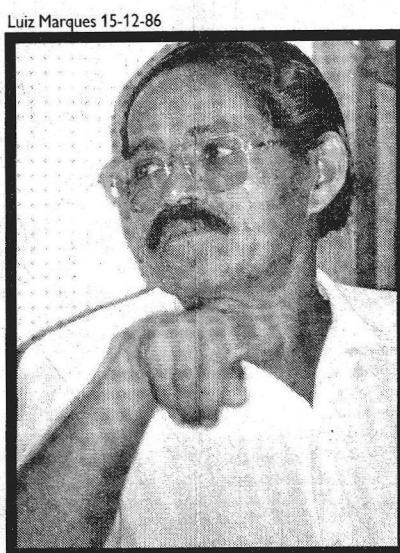
Responsável pela edição do livro, Cassiano manteve a grafia original, como pode-se verificar no verso que acabou de ser lido. “A poesia de Tião é principalmente descritiva. Repudia o lirismo, o subjetivismo, a fantasia surrealista, o maravilhoso, tão importante às vezes no cordel”. Em contrapartida, “firma-se no chão duro, seco, das tradições mais antigas: a poesia épica, pagã ou medieval”.

É pena que tenha sido publicada uma única edição, em 1981. Varela morreu em 1995, depois de trabalhar durante 33 anos como contínuo da Universidade de Brasília (UnB). Um dos seus oito filhos, o livreiro Hidelbrando Varela lamenta que o livro do pai não tenha sido reeditado e tratado com a devida solenidade. Mas o dono da livraria Hidelbrando sabe o quão difícil é sobreviver no mercado editorial desta cidade. Mas não desiste, até pelo exemplo que teve em casa: “Meu

pai foi um vencedor de todas as adversidades”.

O trovador Sebastião Varela foi garimpeiro, seringueiro, ladrilheiro, servente de pedreiro, consertou elevadores, ajudou a montar as estruturas dos primeiros prédios da Esplanada dos Ministérios. Morava com mulher e filhos num barraco perto da Embaixada de Portugal até que o então prefeito Israel Pinheiro mandou retirar todas as invasões que estavam na Esplanada logo depois da inauguração da cidade. Tião conseguiu falar com Israel, porque não queria tirar os filhos de perto da escola (as crianças estudavam na Vila Planalto).

Conseguiu do prefeito a promessa de que seu barraco só seria derrubado depois de findo o ano letivo. E a casinha da família Varela foi a única a ficar naquela região nobilíssima. Todos os demais foram para a Ceilândia, cidade recém-nascida. Um dia, o cônsul Thomás Mena Barreto — que todos os dias passava de carro e motorista em frente ao barraco de Varela — parou e perguntou ao pai de família se ele não queria um emprego na universidade que estava sendo construída. E foi na UnB que o trovador teve a chance de conhecer “as pessoas das letras”, como conta o filho Hidelbrando, e a dedicar-se ao que iria fazer pelo resto da vida, poemas. Como esses que contornam esta página. (Conceição Freitas)



Luiz Marques 15-12-86

Tião Varela, o trovador da história da construção de Brasília

*pois vinha de remotos tempos  
ainda da Monarquia  
quando o Império mandava  
em nossa soberania*

*Juscelino não inventou  
porém foi quem construiu  
se ele não executava  
outro não se atreveria  
pois de sessenta pra cá  
só se vê é carestia*

*Tinha uns políticos contra  
JK nem se importava  
botaram até no jornal  
algumas vezes criticava  
mangando das decisões  
que o governo tomava  
enquanto isto candango  
aqui nunca se agüentava*

*São os versos verdadeiros  
da fundação de Brasília*

*que nos fala da poeira  
também dos alagadiços  
da verdadeira intriga  
de candangos com policiais*

*Do chuveirão sem parar  
até amanhecer o dia  
candangos no descoberto  
tiriricando de frio  
os fogos todos apagados  
ouvindo cantar de jia*

*Os barracões do governo  
tinham muita segurança  
porém os particulares  
eram mesmo uma matança  
parece que o temporal  
perseguia por vingança*

*Chegava uma ventania  
tão forte de assobiar  
uma chuva de poeira  
era para começar*

*a água vinha depois  
e começava a chegar*

*Quando a poeira baixava  
chovia mesmo a granel  
relâmpago de caracol  
rasgava o bucho do céu  
ali por cinco segundos  
se ficava quase cego*

*Candangos só agüentavam  
por causa do ordenado  
trabalhavam como nunca  
porém ganhavam dobrado  
comia o pão que o diabo amassou  
no meio deste cerrado*

*E por isto que o candango  
se sujeitava à poeira  
dobrava e redobrava  
dentro do barro vermelho  
suportava o que já disse  
somente atrás do dinheiro*

*Muitos eram  
econômico  
fazia seu dicomer  
cozinhas almoço e janta  
cuidava de uma vez  
voltava pra sua terra  
mas não era na pobreza*

*Outros não dava valor  
bebia igual um pato  
chegava no mulheril  
bebia cachorro e gato  
terminavam ébrios e a polícia  
levava dando sopapo*

*Polícia naquele tempo  
pagava para bater  
às vezes sem necessidade  
levava para a cadeia  
quanto mais o homem ébrio  
esse apanhava sem ver  
Hoje nem se fala mais  
do começo de Brasília*

*do tamanho sacrifício  
dos gigantes pioneiros  
quando aqui nada existia*

*Até água de beber  
por aqui era difícil  
vinha de muito distante  
transportada em carro pipa  
depositada em tonéis  
desde que vêm com piche*

*Candangos passavam sede  
esperando o caminhão  
sem água para beber  
e sem fazer refeição  
perdia até o contato  
diminuindo a produção*

*As seis primeiras estruturas  
que se deu a começar  
foi o prédio Vinte e Oito  
hoje Congresso Nacional  
veio logo a Casa das Ordens  
e Palácio da Alvorada  
depois veio a estrutura  
foi da nossa Catedral  
a Rodoviária e  
o Teatro Nacional  
Brasília Palace Hotel  
para os turistas se hospedaram*

*E todo dia chegava  
gente de todos estados  
de toda federação  
aqui tudo misturado  
a raça já é mestiça  
aqui ficou mais braiados*

*Uma dia na Companhia  
Pacheco Fernandes Dantas  
bem na hora do almoço  
veja aí a ignorância  
por um prato de comida  
teve ali uma matança*

*Voltamos para o candango  
sem ter onde ficar  
fazendo prédios bonitos  
sem ter onde morar  
vejam que coisa sem jeito  
isto aí é de lasciar*

*Chegou vinte e um de abril  
que dia maravilhoso  
aquele dia esperado  
parece que madrugada  
na Praça dos Três Poderes  
só via era doutor*

*Eram tantos convidados  
que a praça não cabia  
além de muito outros  
também veio da Hungria  
foi gente de toda parte  
nesta praça de Brasília*

*Com um minuto atrás  
a capital era o Rio  
com um minuto depois  
nova capital Brasília  
todos viram Juscelino  
tremendo de alegria*

*Nesta hora o presidente  
quase não suportou  
ali de cabeça baixa  
na mesma hora chorou  
e disse graças a Deus  
Brasília se inaugurou  
meu sonho de muito tempo  
agora se concretizou*

